

Foto: Acervo do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares

**Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares.**

**Projeto de Educação Popular, Formação Política e Controle Social em Saúde.**

*Simpósio de Estratégias de Educação Popular e Formação Política dos Movimentos Sociais em Políticas Públicas de Saúde.*

# **Educação em Saúde**

## **Sala: 3Q104**

**Data: 17/03/2007 – 14h às 18h**

**Data: 18/03/2007 – 8h às 12h**

Simpósio de Estratégias de Educação Popular e Formação Política dos Movimentos Sociais em Políticas Públicas de Saúde  
(17 e 18 de março de 2007)

# Semeando árvores de “Medicina da Libertação” para cuidar das correntes de vida

Clyde Lanford Smith<sup>1</sup>

## Resumo

A Medicina da Libertação nasceu nas montanhas de Morazán – El Salvador – de um trabalho prático junto às comunidades em conflito. Tem entre suas raízes a Psicologia da Libertação e outras disciplinas da libertação, incluindo a Educação Popular, de Paulo Freire, a medicina social, a saúde humanitária, a saúde e direitos humanos, a atenção primária orientada para a comunidade (como definido na Declaração de Alma Ata), a arte e a luta pela autonomia dos povos. Sem prática, a Medicina da libertação não existe. A sua prática abraça todas e todos que têm sede por justiça social. É o caso do Movimento pela Saúde dos Povos, com seu convite à criação de um “outro mundo possível”, com saúde e justiça social para todas e todos agora.

## Palavras-chave

Medicina da libertação. Saúde. Direitos humanos. Justiça social.

**1.** Membro do Grupo de Condução Global do Movimento pela Saúde dos Povos, ([www.phmovement.org](http://www.phmovement.org)); Fundador e Conselheiro da Medicina da Libertação dos Doutores pela Saúde Global ([www.dghonline.org](http://www.dghonline.org)); Professor Assistente do Departamento de Medicina Interna e do Departamento de Medicina Social e Familiar da Residência de Atenção Primária e Medicina Social do Centro Médico Montefiore; Membro do Conselho de Saúde Global do Colégio de Medicina “Albert Einstein”, Bronx, Nova York.

# Sowing trees of “Liberation Medicine” to take care of the life chains

Clyde Lanny Smith\*

## Abstract

Liberation Medicine was born in the mountains of Morazan, El Salvador, from practical work with the communities in struggle. It has within its roots the Liberation Psychology and other disciplines of liberation, including Paulo Freire’s Popular Education, social medicine, humanitarian health, health and human rights, primary attention to the community (as set forth in the Declaration of Alma Ata), the art and the struggle for people’s autonomy. Without practice the Liberation Medicine does not exist. Its practice embraces all who have thirst for social justice. It is so for the People’s Health Movement, with its invitation to create “another possible world” of health and social justice, now.

## Key words

Liberation medicine. Health. Human rights. Social justice.

\* Member of the Global Conduction Group of People’s Health Movement, ([www.phmovement.org](http://www.phmovement.org)); Founder and adviser of the Liberation Medicine at the Doctors for Global Health, ([www.dghonline.org](http://www.dghonline.org)); Assistant teacher at the Department of Internal Medicine and at the Department of Social and Family Medicine of Primary Attention Residence and Social Medicine of Montefiore Medical Center; Member of the Global Health Council of the Albert Einstein College of Medicine, Bronx, New York.

Ao considerar a Educação para a Saúde, existe uma grande verdade: alguns, talvez muitos, quem sabe a maioria de nós, que ensinam saúde aos futuros profissionais, parecem ter sido contagiados pelos liberais cansados que afirmam: “Sim, outro mundo é possível. No ano 3000. Enquanto isso busque seu trabalhinho no molde neoliberal e trate de cuidar do seu quintal”. É certo que muitos dos futuros profissionais de saúde começam sua carreira com um certo idealismo, que vai acabando aos poucos, até que se rendem ao fatalismo da saúde pública que muito freqüentemente avalia todos os serviços através do custo e da produtividade e diz que não há dinheiro para financiar uma vida digna e ponto. Como evitar ser parte deste caminho até a perda da esperança?

Contamos com “alta-alegremía”<sup>2</sup> para elevar o nosso desafio que é a Medicina da Libertação, definida como “o uso consciente e conscientizado de saúde para promover dignidade humana e justiça social”. Este conceito nasceu em meados de 1996, nas montanhas ao sudeste de Morazán, El Salvador, e foi inspirado pela população camponesa e estudantil e pelo exemplo do mártir Padre Ignacio Martín-Baró (assassinado por soldados do governo salvadoreño em 16 de novembro de 1989, treinados na *Escuela de las Américas*<sup>3</sup> - Estadunidense) bem como pela prática e teoria do Padre “Nacho”, chamada Psicologia da Libertação (MARTÍN-BARÓ, 1995).

A Medicina da Libertação tem raízes na plena ação, solidariedade e ética. Foi

desenvolvida e apresentada em mais de cem oficinas, palestras e cursos desde 1996, em lugares tão distintos como Rosário (Argentina), Genebra (Suíça), Ottawa (Canadá), Rio de Janeiro (Brasil), Mumbai (Índia), Puebla (México), Nova Iorque (Estados Unidos), Mbarara (Uganda), Londres (Inglaterra) e Teerã (Irã), valendo a pena examiná-las, repensá-las e aumentá-las através da internet – a rede de redes.

Não é segredo que a Medicina da Libertação tem raízes nos conceitos de Educação Popular promovidos por Paulo Freire, nem que a Teologia da Libertação influenciou seu desenvolvimento. Uma coisa, entretanto, deve estar clara: “a Medicina da Libertação não é religiosa, nem suporta o proselitismo através dela. Se qualquer um que a pratica tem sede de justiça social, não importa seu tipo ou falta de fé” (FREIRE, 1972).

De fato, a Medicina da Libertação também deve muito à medicina social ([www.socialmedicine.org/](http://www.socialmedicine.org/) [www.medicinasocial.org/](http://www.medicinasocial.org/)) praticada inicialmente pelo Dr. Rudolf Virchow em 1848. Ela teve um fortíssimo desenvolvimento na América Latina, como é o caso do Chile (até o golpe de estado de 11 de setembro de 1973 e da morte do Dr. Salvador Allende, arquiteto de muitas leis de saúde pública influenciado pela medicina social), e foi levada à prática estatal em Cuba com o exemplo de Ernesto “Che” Guevara e a visão do Presidente Fidel (VIRCHOW, 2006).

Um médico, numa das primeiras oficinas, comentava: “quando eu vivia na Argentina, nos anos 70, era possível saber se estávamos prati-

**2.** Alta-alegremía é um conceito descoberto pelo Dr. Júlio Mansalvo, argentino, consciente sobrevivente da ditadura militar nos anos 70. É usado para descrever a grande alegria que levam algumas pessoas em sua dedicação à justiça e à vida comunitária, apesar dos problemas ao seu redor. São pessoas obviamente cheias de alta-alegremía, para dizer da alegria que levam em seu sangue. A verdade é que todos nós temos a possibilidade de aumentar nossa própria alegremía a um estado de alta-alegremía através da nossa relação com o próximo e da nossa fonte de entrega à luta para que a vida seja digna para todas e todos nesta vida em todo canto do mundo.

**3.** A Escuela de las Américas existiu desde os anos 40. Era uma escola de combate que operou no Panamá até o ano de 1983, quando foi obrigada a sair e se estabeleceu em Fort Benning, Geórgia. Seguiu com a mesma função de ser a força bruta da política exterior estadunidense, planejada para proteger os interesses estadunidenses. Até hoje, mais de 60 mil soldados foram treinados ali. Aprendem técnicas de combate, contra-insurgência e guerra “psicológica”, para ser aplicada em países em que a insurgência consiste em camponeses sem-terra, líderes religiosos e ativistas dos direitos humanos. A escola agora tem nome oficial de Western Hemisphere Institute for Security Cooperation (Instituto do Hemisfério Ocidental para a Segurança e Cooperação) com a intenção de manter um perfil diferente ou que não se associe com a Escuela de las Américas (<http://www.jornada.unam.mx/2007/05/10/index.php?section=mundo&article=031e1mun>).

cando com êxito o que agora chamamos de Medicina da Libertação, de acordo com o tempo que levava até que a polícia nos levasse ao cárcere mais próximo”. Isso para destacar que, na sua prática, a Medicina da Libertação pode ser perigosa para a carreira (ou seja, diante de uma ditadura ou de um regime que sinta a necessidade de impor “Atas patrióticas” a qualquer preço) e para a vida em si mesma de quem a exerce. Exemplo: em 20 de março de 2003, em lugares diversos, de Nova Iorque à Albuquerque (New México) e San Francisco, nos Estados Unidos, a polícia atacou com duros golpes e gás de pimenta a muitas pessoas – entre elas, médicos, com seus trajes brancos de trabalho – que protestavam contra as bombas lançadas sobre os cidadãos iraquianos. Exemplo: na América Central, Nicarágua, profissionais de educação e saúde foram os primeiros alvos na campanha do terrorismo feito pelo CONTRA<sup>4</sup> sob ordens estadunidenses e com o escândalo “Iran-CONTRA” (pouca surpresa que um tipo arquiteto-matador do financiamento do CONTRA seja admitido criminoso-mentiroso frente ao Congresso Estadunidense, cujo nome é Elliot Abrams, tenha sido ressuscitado pelo Presidente Bush como seu Diretor de Democracia, Direitos Humanos e Operações Internacionais do Conselho Nacional de Segurança).

Diante disso, é necessário conhecer e reconhecer o risco de estar com o povo, ainda para aqueles que são do povo e não abrem mão disto. Temos e lutamos pela esperança de que um dia a escolha por ampliar as vozes das “não escutadas”, como disse Monsenhor Romero de El Salvador, será premiada, ou melhor, será

vista como uma coisa comum e corrente neste mundo.

A Medicina da Libertação tem ainda como raízes o trabalho do movimento humanitário, como o da Cruz Vermelha Internacional, e sua prática de acompanhar pessoas em perigo e miséria onde quer que seja, buscando garantir a integridade de suas vidas com pura presença. Também em grupos como Médicos sem Fronteiras, Médicos do Mundo e Doutores pela Saúde Global, que não só acompanham os povos, como também são testemunhas do que está vivendo a gente do lugar, servindo como “Olhos do Mundo” contra a injustiça, e trabalhando através de intervenções preventivas e curativas.

Outro aspecto fundamental da Medicina da Libertação é o vínculo entre Saúde e Direitos Humanos, tal como afirmava o Dr. Jonathan Mann, primeiro Diretor do Programa de AIDS da Organização Mundial de Saúde. Ele estava bem certo de que Saúde é um Direito Humano, mas também explicava como todos os Direitos Humanos definidos na Declaração Universal de Direitos Humanos e em outros documentos (como a Convenção sobre Direitos da Infância, ratificada por todos os países do mundo com exceção de Somália e Estados Unidos) são essenciais para a Saúde e que, considerados juntos, Saúde e Direitos Humanos criam uma sinergia maior que o resumo dos dois conceitos (MANN, 1994).

Uma das raízes que, semelhante à Saúde e Direitos Humanos, serve na prática da Medicina da Libertação é a Atenção Primária Orientada, ou, se preferir, baseada na Comunidade (APOC), considerada a força do povo e que

**4.** Diminutivo de contra-revolucioário(s) ou contra-revolução, em oposição a “compa”, diminutivo de companheiro. Durante o governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional na Nicarágua (1979-1990), CONTRA ou CONTRAS foi o termo usado para referir-se aos membros da organização que se formou como braço armado da Revolução Sandinista na Nicarágua. O governo dos Estados Unidos, por meio da Agência de Inteligência (CIA), organizou e financiou, através da antiga Guarda Nacional (Somocista) e com ajuda de outros países, um exército irregular que tinha base em países vizinhos como Honduras e Costa Rica e que interviu em ações de guerra e ações terroristas contra o regime sandinista com o objetivo de desestabilizar o governo do país. O apoio se fortaleceu com a administração do presidente Ronald Reagan durante a década de 80 ([www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)).

**5.** Venda ilegal de armas ao Iran para conseguir fundos de financiamento para os CONTRA, quando ficou clara a ingerência estadunidense na agressão à Nicarágua - ingerência que é uma constante na história deste país centroamericano ([www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)).

resultou na Declaração de Alma Ata em 1978. A APOC está baseada em uma relação de respeito com as pessoas da comunidade, escutando-as e somente trabalhando com elas através de um convite. Assim, através da metodologia de pesquisa participativa, passa-se a explorar recursos e problemas, estabelecer prioridades, entrar em um plano de trabalho e finalmente avaliar este trabalho durante e depois de fazê-lo. Trabalhar na comunidade com base em qualquer outro trabalho educativo e/ou político é uma boa maneira de não desviar da realidade e das necessidades do povo (KARK, 1981).

A arte, em todas as suas manifestações, forma parte da fundação da Medicina da Libertação. O teatro de rua ou a arte dramática não são apenas importantes como terapia - do artista e da audiência -, mas podem servir também como fonte de informação, como maneira de prevenir a angústia ou depressão e como guia para uma vida melhor. A música também toca todos esses aspectos e outros, porque facilita a comunicação em que não há outra língua em comum. Da mesma forma, a pintura e a fotografia, de maneira que, muitas vezes com razão, uma foto ou imagem valem mais que mil palavras. A arte serve como convite à libertação. Platão avisava pra não confiar nos poetas, porque eram extremamente perigosos ao opressor e bem vindos aos oprimidos.

No espírito de luta contínua pela justiça social está fundada a Medicina da Libertação, tanto pelos direitos civis, como fez o Dr. Martin Luther King, que mataram quando começava a internacionalizar este conceito, até a população do Vietnam, opondo-se à guerra conhecida como "A Guerra Americana", quanto pela autonomia dos povos, como fez o Dr. Ernesto "Che" Guevara e o Presidente Nelson Mandela. É muito instrutivo recordar que os Estados Unidos declararam que o Congresso Africano Nacional (ANC) e o Presidente Mandela foram terroristas em seu tempo. Por exemplo: o vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, votava em 1986 contra uma declaração congressista exi-

gindo que o governo da África do Sul libertasse Mandela e ainda agora defende sua posição afirmando que o ANC foi uma organização terrorista. A Medicina da Libertação está implicada com lutadores, no contexto que fazem a luta pelo bem de seu povo e dos oprimidos dentro dele.

Sem prática, a Medicina da Libertação não existe. Claro que usamos o modelo de práxis, ou seja, observar, refletir, atuar e avaliar. Mas, como disse Che sobre ser revolucionário: primeiro é necessária uma revolução. Mas isto não é problema para a Medicina da Libertação, porque em praticamente qualquer lugar do mundo a asfixia dos mandos do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial referentes ao ajuste estrutural está em marcha. Da Argentina até as Filipinas, de Marrocos até Uganda, a política dos que mandam na economia do mundo tem exigido que o governo acabe com o conceito de saúde como um direito humano e dever do estado e implante o conceito de que a saúde é para ser vendida num mercado, com conseqüentes cortes na verba para a saúde e incentivo apenas para as questões administrativas. Não há dinheiro para remédios, ventiladores, equipe médica, somente para computadores. Com relação à dívida externa, muitos países do mundo em desenvolvimento pagam mais a cada ano em juros e dívidas ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional (dinheiro que caminha em direção moralmente duvidosa) do que investem em saúde e educação dentro do próprio país.

Outros aspectos da prática da Medicina da Libertação são: que seja feita na comunidade e com a comunidade; que qualquer um com sede de justiça social a possa realizar, não só os profissionais de saúde; é melhor que seja feita em equipes multidisciplinares; que nunca seja usada como desculpa para o neoliberalismo (dizendo às pessoas: "Vocês são uns descarados em uma situação péssima e estamos aqui para libertá-los!" - o que é uma prática comum de muitas organizações internacionais, principal-

mente aquelas que trabalham com fundos diretamente vinculados ao mesmo Banco Mundial ou ao governo estadunidense). Lembrando ainda que o neocolonialismo costuma ser uma armadilha em que podem cair pessoas trabalhando dentro do seu próprio país com comunidades com culturas diferentes da deles.

Em sua prática, é necessário fazer a Medicina da Libertação com um sorriso, sempre

que for possível nos “bailes da vida” e com uma raiva e indignação inspiradoras diante do estado do mundo para a maioria dos seres humanos. Que sejamos capazes de sentir a injustiça cometida contra qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo – palavras de Che. Que transformemos a esperança em ação, com “alta-alegremía” todos os dias. Oxalá.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the Oppressed**. New York: Herder & Herder, 1972.

KARK, SL. **The practice of community-oriented primary health care**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1981.

MANN, Jonathan et al. Health and Human Rights. In: BAGNOUD, Francois - Xavier. **Health and Human Rights**. Center for Health and Human Rights, Harvard School of Public Health, Vol. I. Nº 1 Fall. 1994, p. 7-22.

MARTÍN-BARÓ, I. **Toward a Liberation Psychology**. Cambridge: Harvard U. Press, 1995. p 26-32.

VIRCHOW, Rudolf. **Report on the Typhus Epidemic of the Upper Silesia, Social Medicine**. Volume 1. Number 1. February 2006. p. 19 ([www.socialmedicine.info](http://www.socialmedicine.info)) ([www.medicinasocial.info](http://www.medicinasocial.info)).